Repositório Institucional da UFPI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

[X]Tese [ ]Dissertação [ ]Monografia [ ]TCC Artigo [ ]Livro

[ ]Capítulo de Livro [ ]Material Cartográfico ou Visual [ ]Música

[ ]Obra de Arte [ ]Partitura [ ]Peça de Teatro [ ]Relatório de pesquisa

[ ]Comunicação e Conferência [ ]Artigo de periódico [ ]Publicação seriada

[ ]Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em História.

Programa de pós-graduação: **Programa de pós-graduação em História do Brasil.**

Outro: _____

Autor(a): Laura Lene Lima Brandão

E-mail: laurallbrandao@frn.uespi.br

Orientador (a) Prof.ª Dr.ª Elizangela Barbosa Cardoso.

Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Membro da banca: Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.
Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Membro da banca: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito – UFPI
Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Membro da banca: Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo.
Instituição: Universidade Federal do Pará – UFPA.

Membro da banca: Prof. Dr. Fernando Bagiotto Botton.
Instituição: Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Membro da banca: Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Titulação obtida: **Doutora em História.**

Data da defesa:25/03/2024.

Título do trabalho: ***"Era necessário falar com o corpo, tão gastas ficaram as palavras":*** *políticas dos corpos sexuados durante a ditadura civil-militar no Brasil.*

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): aluna não bolsista.

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [ ]

Parcial: [x]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: **Elementos pré-textuais (capa, resumo, sumário, listas de figuras, siglas e tabelas, sumário, resumo) e introdução.**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, **o texto parcial** da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Teresina, Piauí Data:19/05/2024.

gov.br Documento assinado digitalmente
LAURA LENE LIMA BRANDAO
Data: 19/05/2024 19:08:43-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura do(a) autor(a): _____

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

LAURA LENE LIMA BRANDÃO

“ERA NECESSÁRIO FALAR COM O CORPO, TÃO GASTAS FICARAM AS PALAVRAS”: POLÍTICAS DO CORPO SEXUADO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

TERESINA-PI
2024

LAURA LENE LIMA BRANDÃO

“ERA NECESSÁRIO FALAR COM O CORPO, TÃO GASTAS FICARAM AS PALAVRAS”: POLÍTICAS DO CORPO SEXUADO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito para aquisição do grau de doutora em História do Brasil.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizangela Barbosa Cardoso.

TERESINA-PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

B817e Brandão, Laura Lene Lima.
"Era necessário falar com o corpo, tão gastas ficaram as palavras" : políticas do corpo sexuado durante a ditadura civil-militar no Brasil / Laura Lene Lima Brandão. -- 2024.
492 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2024.
"Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizangela Barbosa Cardoso".

1. Ditadura civil-militar. 2. Corpo sexuado. 3. Gênero. 4. Sexualidade. 5. Juventude. 6. Política. I. Cardoso, Elizangela Barbosa. II. Título.

CDD 981.063

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

LAURA LENE LIMA BRANDÃO

“ERA NECESSÁRIO FALAR COM O CORPO, TÃO GASTAS FICARAM AS PALAVRAS”: POLÍTICAS DO CORPO SEXUADO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito para aquisição do grau de doutora em História do Brasil.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizangela Barbosa Cardoso.

APROVADA EM _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Elizangela Barbosa Cardoso – UFPI
Orientadora

_____
Prof.ª Dr.ª Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI
Examinadora interna

_____
Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito – UFPI
Examinador interno

_____
Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo - UFPA
Examinador externo

_____
Prof.ª Dr. Fernando Bagiotto Botton – UESPI
Examinadora externa.

_____
Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco - UFPI
Suplente

AGRADECIMENTOS

Ou

"Tudo que nós tem é uns aos outros"

Ao final desta trajetória, Emicida me sopra repetidamente aos ouvidos: "Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós. Tudo o que nós tem é uns aos outros". Embalada por essa batida, relembro, celebro e agradeço a todos e todas que compartilharam comigo esta caminhada.

À minha companheira de vida, Pamela, por ser casa, encontro, pouso seguro e certeza. Por me conhecer como ninguém e pela inteireza com a qual dividimos cada passo. Pelo olhar "onde a brasa mora. O seu olhar melhora o meu".

Aos meus pais, Pedro e Rosilene, por toda a renúncia para me darem perspectivas que nunca puderam ter. Por terem me ensinado, desde logo, o poder libertador da educação, ainda que esse mundo não fosse o deles. Obrigada por me ensinarem a "sempre pedir licença, mas nunca deixar de entrar".

À minha família e aos meus amigos, em especial: às minhas irmãs Lorena e Luana; aos meus sobrinhos João Pedro, Mariana e João Vicente; à minha sogra Telma; à minha cunhada Priscilla; e aos meus amigos João Carlos e Victor. "Entre todos os amores e amigos, de vocês eu me lembro mais".

À Elizangela Cardoso, orientadora querida, sempre atenta e disposta a contribuir. Exímia professora e leitora de quem quase nada escapa. Sempre pronta a dizer: "É mais complexo". E, é. O seu compromisso com a educação me inspira a ser também uma professora melhor.

À Teresinha Queiroz, que tiver o prazer e a sorte de ser orientada na graduação e no mestrado e de reencontrar no doutorado, em algumas disciplinas. Sua generosidade e empenho com a pesquisa, seu olhar atento e contribuições assertivas a fizeram, além de referência, "coorientadora" de toda a nossa turma.

À Socorro Rangel, professora e amiga querida, com quem divido as dores e delícias da profissão que escolhi. Pela inteireza de sentir. Com quem aprendi que "o que importa são os olhos e os pés. Trata-se de ver o mundo e ir ao seu encontro".

Aos professores da banca examinadora, Fabiano Gontijo, Maria Izilda Matos e Fábio Leonardo Brito, por generosamente aceitarem contribuir com este trabalho. Também ao professor Edwar de Alencar Castelo Branco, pelas contribuições na qualificação e o entusiasmo ao longo desta pesquisa.

Aos meus muitos outros professores e professoras, que são referências acadêmicas, pedagógicas e humanas. Com vocês, me sinto como Diego, do conto de Galeano:

> *Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:*
> *-Pai, me ensina a olhar!*

Obrigada por me ensinarem a olhar.

À Universidade Federal do Piauí pelas muitas oportunidades que tive, desde que ingressei na graduação, em 2008, até hoje, quando concluo o doutoramento. À Universidade Estadual do Piauí, pelo incentivo à minha qualificação profissional.

Aos meus companheiros de trabalho da Universidade Estadual do Piauí com quem divido a esperança de uma educação pública viva, potente, afetiva, democrática e inclusiva. Aos meus colegas de trabalho do Instituto Dom Barreto, onde comecei minha trajetória profissional, com os quais aprendo, cotidianamente, a pensar coletivamente e a não padecer às asperezas. E aos meus colegas de turma, com quem dividi as angústias do papel em branco e, agora, a felicidade da linha de chegada.

Vocês me inspiram e me ensinam a ser.

Obrigada por tanto.

RESUMO

Este trabalho estuda as políticas dos corpos sexuados no Brasil durante a ditadura civil-militar, demonstrando sua centralidade na arena política e cultural, entre as décadas de 1960 e 1980. Os corpos sexuados emergem como força política, promovendo rupturas na articulação entre sexo, gênero e desejo. Na tentativa de conter as mudanças que envolvem os corpos sexuados, em sua interface com a juventude, a sexualidade e o gênero, alavanca-se uma série de empreendimentos que articulam o Estado e setores da sociedade civil. A sociedade civil demanda do Estado a censura de produtos culturais que publicitavam corpos que infringiam as fronteiras da sexualidade contida no interior do matrimônio e das normas de gênero em uma época de ampliação da cultura de consumo entre a juventude, do avanço da contracultura e da revolução sexual. Através dessa ação da sociedade civil, afirma-se uma identidade como os governos militares, na esperança da manutenção da moral e dos bons costumes. Paradoxalmente, a medicina intervém na manufatura dos corpos sexuados, ora reafirmando o naturalizado binarismo de gênero, ora subvertendo-o por meio da profusão de biotecnologias. O Estado ditatorial, por sua vez, identificando-se com o ideal de homem heterossexual, age para afastar corpos homossexuais e transexuais dos grandes centros urbanos e dos quadros da administração pública, articulando uma espraiada rede de vigilância com essa finalidade. Todos esses vieses analíticos convergem para um lugar: demonstrar a tentativa de controle dos corpos sexuados, que se constituíam como espaço privilegiado de construção política e subjetiva. A despeito dessas tentativas de controle, no processo de redemocratização do país, os corpos sexuados, além de ponto nevrálgico do debate público, estão na base de políticas de identidade que demandam do Estado uma redefinição, para reconhecer e assegurar direitos a corpos sexuados na esfera da política institucional. Para desenvolver este trabalho, o *corpus* documental foi constituído de uma variedade de fontes: jornais de ampla circulação, jornais alternativos, revistas, boletins, documentos dos órgãos de vigilância do Estado, leis, decretos, fichas de detenção, estudos criminalísticos, teses médicas, cartas, documentos episcopais, livros, fotografias, autobiografias, atas, panfletos e cartazes.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo sexuado. Gênero. Sexualidade. Juventude. Política. Ditadura civil-militar.

ABSTRACT

This paper studies the politics of the sexed body in Brazil during the civil-military dictatorship, demonstrating its centrality in the political and cultural arena between the 1960s and 1980s. the sexed body emerged as a political force, promoting ruptures in the articulation between sex, gender and desire. In an attempt to contain the changes involving the sexed body, in its interface with youth, sexuality and gender, a series of ventures were launched that brought together the state and sectors of civil society. Civil society demanded that the state reproached cultural products that advertised bodies which infringed on the boundaries of sexuality contained within marriage and gender norms at a time when youth consumer culture was growing, counterculture was advancing and the sexual revolution was taking place. Through this action by civil society, an identity was affirmed along with the military governments, in the hope of maintaining morals and good manners. Paradoxically, medicine intervenes in the manufacture of the sexed body, sometimes reaffirming the naturalized gender binary, sometimes subverting it through the abundance of biotechnology. The dictatorial state, in turn, identifying with the ideal of the heterosexual man, acts to keep homosexual and transgender bodies away from large urban centers and public administration, articulating a widespread surveillance network for this purpose. All these analytical approaches converge in one place: to demonstrate the attempt to control of sexed bodies, which were a privileged space for political and subjective construction. Despite these attempts at control, in the process of the country's re-democratization, the sexed body, as well as being a sore point in public debate, are at the basis of identity politics that require the state to redefine itself in order to recognize and ensure the rights of the sexed body in the sphere of institutional politics. In order to carry out this work, the documentary corpus was made up of a variety of sources: widely-circulated newspapers, alternative newspapers, magazines, bulletins, documents from state surveillance agencies, laws, decrees, arrest records, criminal studies, medical theses, letters, episcopal documents, books, photographs, autobiographies, minutes, pamphlets and posters.

KEYWORDS: Sexed body. Gender. Sexuality. Youth. Politics. Civil-military dictatorship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Propaganda Casas das Cuecas, 1982.....72
Figura 2: Propaganda cueca Hering, 1981.....73
Figura 3: Propaganda revista *Playboy* veiculada na revista *Quatro Rodas*.....75
Figura 4: Cláudia Celeste em cena da novela *Olho por Olho* 125
Figura 5: Núcleo de travestis da novela *Um Sonho a Mais*, 1985. Rede Globo.....128
Figura 6: Bioengenharia cibernética: a fábrica de milagres. 158
Figura 7: Prótese ocular. 158
Figura 8: Colágeno: a fonte eterna da juventude. 162
Figura 9: Propaganda de seios de silicone. 163
Figura 10: Bebê de proveta: o homem fabricado em série. 181
Figura 11: Médicos anunciam novos bebês de proveta.. 181
Figura 12: O primeiro bebê de proveta brasileiro.....184
Figura 13: Lésbicas: o difícil direito de ser mãe. 193
Figura 14: Mães Lésbicas.. 193
Figura 15: Ponte de safena peniana. 197
Figura 16: Perigo! A invasão dos travestis. 302
Figura 17: Travestis detidas em operações policiais em São Paulo 306
Figura 18: A guerra santa do Dr. Richetti. 314
Figura 19: Policiais civis paulistas rendem e algemam travesti no centro de São Paulo. 315
Figura 20: Prisão de travesti agora tem amparo do Supremo Tribunal Federal. 315
Figura 21: Pega pra capar 316
Figura 22: Corre, que lá vem os home!. 317
Figura 23: Jornal *ChanacomChana* denuncia repressão policial no Ferro's Bar. 318
Figura 24: Prostitutas e travestis protestam contra a Polícia. 321
Figura 25: Manifestação do grupo SOMOS contra os rondões do delegado Wilson Richetti 322
Figura 26: Artista plástico Darcy Penteado discursa em manifestação contra as operações rondões.....322
Figura 27: Estudo de caso 21.....333
Figura 28: Estudo de caso 15.....334
Figura 29: Estudo de caso 20.....334
Figura 30: Homossexuaisa a nova força.....356

Figura 31: Homossexuais se organizam 357
Figura 32: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita 360
Figura 33: Cartaz de debate na UERJ sobre homossexualismo, repressão e ciência 366
Figura 34: Orgulhe-se: você é guei 369
Figura 35: Lula: “Feminista pra mim é desocupada” 379
Figura 36: Sindicato não é lugar só de homem 384
Figura 37: Congresso das metalúrgicas 384
Figura 38: Fernando Gabeira exibindo sua tanga de crochê na Praia de Ipanema 393
Figura 39: Não se pode esperar 70 anos para ter um orgasmo 395
Figura 40: Segundo Boletim da Facção Homossexual da Convergência Socialista 410
Figura 41: Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual. 411
Figura 42: Comissão de Homossexuais pró – 1º de maio 411
Figura 43: CHE “GUEI”! 416
Figura 44: Qualquer maneira de amor vale a pena 417
Figura 45: Propaganda de candidatas mulheres para eleição de 1986 419
Figura 46: João Antônio Mascarenhas fala na Subcomissão de Direitos e Garantias Individuais 445

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados do 4º Distrito Policial de São Paulo, dezembro de 1976 338

LISTA DE SIGLAS

ABEPF	Associação Brasileira das Entidades de Planejamento Familiar
ABP	Associação Brasileira de Psiquiatria
AI	Ato Institucional
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome. Tradução: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ALESP	Assembleia Legislativa de São Paulo
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ARVICRIS	Artes Visuais Cristãs
BEMFAM	Sociedade Civil Bem Estar Familiar do Brasil
BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento
CAMDE	Campanha da Mulher pela Democracia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBA	Comitê Brasileiro pela Anistia
CEPAIMC	Centro de Pesquisa e Assistência Integral à Mulher e à Criança
CEPARH	Centro de Pesquisa e Assistência em Reprodução Humana
CFM	Conselho Federal de Medicina
CID	Cadastro Internacional de Doenças
CIS	Comissão de Investigação Sumária
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNPQ	Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COLINA	Comando de Libertação Nacional
CPEC	Comissão Provisória de Estudos Constitucionais
CS	Convergência Socialista
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCDP	Divisão de Censura e Diversões Públicas
DEGRAN	Delegacias de Polícia da Grande São Paulo
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DIU	Dispositivo Intrauterino
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DSI	Divisão de Segurança e Informações

DSN	Doutrina de Segurança Nacional
EBHO	Encontro Brasileiro de Homossexuais
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações
ENTLAIDS	Encontro Nacional de Travestis e Transexuais
FHCS	Facção Homossexual da Convergência Socialista
FMF	Frente da Mulher Feminista
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
FUNTEC	Fundo de Desenvolvimento Tecnológico
GAAG	Grupo de Atuação e Afirmação Gay
GALF	Grupo Ação Lésbica Feminista
GEAP	Grupo Evangélico de Ação Política
GGB	Grupo Gay da Bahia
HBIGDA	Harry Bejamin International Gender Dysphoria Association
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
INDEX	Índice dos Livros Proibidos
IPUB	Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil
LSN	Lei de Segurança Nacional
MAM	Museu de Arte Moderna
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro
MNU	Movimento Negro Unificado
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
POLOP	Organização Política Operária
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SBE	Sociedade Brasileira de Esterilidade
SCDP	Serviço de Censura e Diversões Públicas

SNDM	Serviço Nacional de Doenças Mentais
SNI	Serviço Nacional de Informações
STF	Supremo Tribunal Federal
TFP	Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UHB	União dos Homossexuais Brasileiros
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
VAR	Vanguarda Armada Revolucionária
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO OU DA MATERIALIDADE DO CORPO NA HISTÓRIA.....16

2 "VIVEMOS UMA GUERRA TOTAL, GLOBAL E PERMANENTE": O DESEJO DE CENSURA.....37

2.1 "O sexo cada vez mais domina soberano": corpo sexuado e o desejo de censura 57

2.2 "Os enredos não mais retratam a velha fórmula rapaz-com-moça": homossexualidade e transexualidade como objeto do desejo de censura 120

3 "A HORA DO HOMEM BIÔNICO": A MEDICINA E O CORPO SEXUADO 142

3.1 "O homem semiartificial já nasceu": o corpo entre a natureza e a inventividade 147

3.2 "Trazendo a luz do conhecimento científico. Um parafílico necessita de nós, há de ser inteiro o empenho em compreender e auxiliar": a manufatura do corpo sexuado.....200

4 "NO COMBATE À SUBVERSÃO E ÀS IDEOLOGIAS CONTRÁRIAS AO NOSSO POVO": DITADURA HETEROSSEXUAL E O CONTROLE DO CORPO SEXUADO 246

4.1 "Demonstra não possuir condições morais e decoro compatíveis com os cargos que ocupa": o controle do corpo sexuado de homens públicos 251

4.2 "Um plano de ações no campo moral que conduzirão ao caos e ao paraíso comunista": doutrina de segurança nacional e controle do corpo sexuado 282

4.3. "Matar é permitido. Beijar é proibido": corpos travestis em grandes centros urbanos ...299

4.4 "Não se pode fugir à relação homossexualismo e delinquência": produção de saber criminal e o controle do corpo sexuado 325

5 "EU QUERO GARANTIR DIREITOS QUE AMPLIEM TODOS OS HORIZONTES DA CIDADANIA. O ESPAÇO DE CIDADANIA SERIA O CORPO": POLÍTICAS DE IDENTIDADE E CORPO SEXUADO 342

5.1 "Sexo: esse estranho objeto da política": corpo sexuado na política 342

5.2 "As minorias não estão mais a fim de continuar sendo o último vagão desse enorme comboio denominado luta maior": corpo sexuado e as esquerdas brasileiras no período da redemocratização 374

5.3 “Mas - perguntamos nós, e o prazer, como é que fica?”: a institucionalização das políticas de identidade e do corpo sexuado.....403

5.4 “Se abordar direitos e garantias sexuais isto aqui vai ser um festival gay”: o corpo sexuado na Assembleia Nacional Constituinte.....428

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU O PASSADO QUE NÃO PASSOU.....458

REFERÊNCIAS.....463

INTRODUÇÃO OU DA MATERIALIDADE DO CORPO NA HISTÓRIA

> "A história do corpo tem sido, em geral, negligenciada. [...] deixa o corpo, de algum modo, um tanto quanto secundário e quase acidental"[1].

> "A escrita da história vira o rosto diante da materialidade sangrenta dos corpos que morrem em suas refregas [...] a história prefere registrar suas diatribes oratórias, seus discursos e estratégias retóricas"[2].

Roy Poter e Durval Muniz Albuquerque Júnior, separados por um lapso temporal de quase três décadas, fizeram semelhantes constatações acerca do corpo na História: ele é um ausente. Quando não, suas forças são hierarquicamente submetidas ao predomínio da mente. Ele figuraria ao sabor da *psiquê* e do espírito. O corpo, frequentemente ignorado como uma força autônoma, é uma presença suprimida nos diversos campos do saber. Os olhares das ciências parecem ter focado suas retinas no brilhantismo da mente e alçaram o corpo ao lugar do menor. Porque as carnes envelhecem, perdem o viço, se enchem de rugas, adoecem e padecem. A mente, se diz, fica. Sobressai-se mesmo depois que o corpo se esvai. Sob essa perspectiva, foi constituída parte da epstemologia da história, marcada pela visão dualista acerca do sujeito, herança ocidental clássica[3] e cristã, que ainda tende a abordar sujeitos desencorpados.

A dicotomia corpo e mente serviu de baliza para o pensamento ocidental. Esse dualismo se constituiu como uma força modeladora dos esquemas classificatórios das ciências[4]. Dos clássicos aos modernos, o ser humano foi visto como uma mente encarnada. Mas dizer que sujeitos estão "revestidos de corpos ainda preserva o dualismo tradicional e deixa o corpo, de algum modo, um tanto quanto secundário e quase acidental"[5]. Assim, à mente e ao corpo têm sido atribuídas conotações distintas. Os sujeitos estudados pelos historiadores, costumeiramente, não são corporificados: não sangram, não produzem fluidos e não sentem

---

[1]POTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. p. 298. Originalmente, esse texto foi publicado, na versão francesa, em 1991.
[2]ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O passado, como falo?: o corpo sensível como um ausente na escrita da história. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O tecelão dos tempos*: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 39.
[3]FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.
[4]GROSZ, Elisabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, p. 45-86, 2015. p. 50.
[5]POTER, 2011, p. 298.

prazer e dor. Não são figurados como carnes, porque estas padecem. As carnes só costumam existir para os historiadores quando suportam mentes e materializam a razão, as simbologias e a cultura.

A mente, vista ontologicamente como superior à matéria, governaria o corpo e coordenaria suas forças. Seus apetites, muitas vezes, anárquicos precisariam de um guia no labirinto do tornar-se humano:

> O desejo, a consciência ou o ego têm sido indicados como os guardiães do corpo, e o corpo deve ser seu criado. [...] seus apetites e desejos são encarados como cegos, obstinados ou pecaminosos. Pode ser encarado como prisão da alma, por isso o corpo facilmente ofende. Devido sua natureza, ele pode, paradoxalmente, ser prontamente desculpado (a fraqueza da carne). A mente, o ego, o desejo ou a alma, ao contrário, devido ao seu ofício mais nobre, é obrigada a ascender acima de tal desordem, de tal guerra civil interna[6].

Se, por um turno, a hierarquia corpo/mente pode ser explicada pela herança cristã e clássica a que fizemos referência; por outro, a produção do conhecimento foi também, por muito tempo, um lugar restrito ao masculino, associado à razão. Escrita por homens e para homens, que refletiam sobre si mesmos, as ciências criaram um sujeito universal – branco, masculino e heterossexual – para onde convergiu a produção do conhecimento. A hierarquia masculino, associado à razão e à mente, e o feminino, associado à emoção e ao corpo, refletiu a própria hierarquia das ciências de quem ela é, simultaneamente, produtora e produto. De forma específica, a historiografia, antes do impacto da epistemologia feminista[7], foi pensada e produzida a partir de "um perfil atribuído ao masculino. Reproduziu a lógica e a racionalidade masculina que as estruturou e que produziu suas regras"[8].

O marxismo, com sua base materialista, já apresentava o corpo encarnado do operário imerso em uma classe como lugar de resistência, o que se convencionou chamar de uma sociologia implícita do corpo[9]. Autores como Marx e Engels fazem detidas análises sobre a condição corporal do operário, mas a corporeidade não foi seu objeto de estudo. Nessa perspectiva, a dimensão carnal não é negligenciada, mas também não é tomada como objeto, e, assim, dilui-se a sua especificidade. Ela aparece para compreender as condições de existir das classes trabalhadores e, assim, o corpo é implicitamente um objeto da cultura[10].

---

[6]POTER, 2011, p. 310.
[7]SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de (org.). *Gênero em debate*: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.
[8]ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 43-44.
[9]LE BRETON, David. *Sociologia do corpo.* Petrópolis: Vozes, 2012.
[10]O marxismo renovado da década de 1960 em diante também fez uso da categoria corpo em suas análises, ainda que de forma tangencial, como o havia feito Marx. E. P. Thompson, em 1967, escreveu:

Ainda no século XIX, a perspectiva que entendia o indivíduo como produto do seu corpo emerge com força. Essa leitura inverteu a lógica sugerida pelos estudos de Marx: aqui, o indivíduo era determinado pelas condições biológicas que o aprisionavam em um dado corpo, assim a condição social dos sujeitos seria produto direto do seu corpo. O pertencimento a uma "raça", por exemplo, irrefutavelmente poderia colocar um indivíduo na condição de degenerescência ou de criminalidade. Esse racismo científico, que ensejou formas de dominação, propôs que "o destino do homem se inscreve na conformação morfológica. O homem não tem poder de ação contra essa 'natureza' que o revela"[11].

Marc Bloch foi, certamente, o primeiro entre os historiadores a problematizar o corpo, em um diálogo com a antropologia histórica, na perspectiva de construir uma história das mentalidades, tão cara à Escola dos Annales. Em 1924, publicou, na França, o livro *Os reis taumaturgos*[12] em que discute a crença difundida na Europa sobre o poder de cura do toque real e as simbologias em torno do corpo do rei e, de forma mais ampla, mostrou a articulação entre a política/monarquia e o corpo do governante.

Os terrenos vizinhos como Antropologia e a Sociologia, já na década de 1930[13], proporcionaram subsídios para uma análise mais específica sobre o corpo, não mais como um dado ou como um tangencial, mas significado e inscrito na cultura e em uma constante inter-relação entre o eu e o nós. O trabalho de Marcel Mauss trouxe importantes contribuições acerca das técnicas do corpo. Ao refletir sobre o gestual, alertou que "o corpo, primeiro instrumento do homem, é modelado conforme hábitos culturais e produz eficácias práticas. Antes das técnicas com instrumentos, há o conjunto de técnicas corporais"[14]. A partir de então, procedeu-

---

"Deixamos escapar metade da importância da disputa pela disciplina de horário nas fábricas, se a encararmos apenas em termos de racionalidade econômica e de heroicos capitães de indústria; antes de tudo, ela era parte de uma tentativa muito mais ampla de governar as pessoas através do controle dos seus corpos". THOMPSON, E. P. Time, work-discipline and industrial capitalism. Past and present, 37, p. 56-97, 1967 apud POTER, 2011, p. 320. Pierre Bourdieu, na década de 1970, no livro *Distinção,* discutiu como entre as classes sociais há diferenças na maneira de tratar o corpo. Disse o autor: "o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras. Em primeiro lugar, no que tem de mais natural, na aparência, e nas formas de sua conformação visível em que se exprime de inúmeros modos uma verdadeira relação com o corpo, ou seja, a maneira de tratá-lo, cuidar dele, alimentá-lo, sustentá-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do *habitus.* BOURDIEU, Pierre. *A distinção:* crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007. p. 179.

[11]LE BRETON, 2012, p. 17.

[12]BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

[13]MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo.* São Paulo: Upu, 2018. Livro lançado originalmente em 1936, na França.

[14]MAUSS, Marcel. Noção de técnica corporal. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Epu, 1974. p. 217-218.

se a uma "compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, simbólico, objeto de representações, vetor semântico pelo qual a relação com o mundo é construída"[15]. Em 1939, outro sociólogo adiciona mais uma camada aos estudos do corpo. Norbert Elias, em seu livro *O processo civilizador*[16], analisou os significados culturais de vários comportamentos e atitudes e as pedagogias de civilidade que eram inscritas nos corpos: dos modos à mesa, à maneira de andar e de se vestir. Explicava ele que:

> O que achamos inteiramente natural, porque fomos adaptados e condicionados a esse padrão social desde a mais tenra infância, teve, no início, que ser lenta e laboriosamente adquirido e desenvolvido pela sociedade como um todo. Isto não se aplica menos a uma coisa pequena e aparentemente insignificante como um garfo do que as formas de comportamento que nos parecem mais importantes[17].

Esses dois estudos, de forma precursora, deram a ver que as técnicas do corpo dependem de pedagogias e são produto de aprendizados específicos, datados, localizados social e culturalmente e, muitas vezes, formalizados em instituições como a família, a classe e a escola. A partir desses trabalhos, o corpo como objeto puramente biológico, não problematizável, tangencial, com necessidades universais e alçado ao lugar de natureza, foi, então, deslocado. Compreendeu-se que os modos usuais do olhar, as formas de andar, jogar, gestar, trabalhar, comer e fazer sexo são sempre mediadas e fabricadas. Outros tantos temas, anteriormente vistos como uma imanência a-histórica foram incorporados como objetos de reflexão nas ciências sociais, como gestualidade, a expressão dos sentimentos, as percepções sensoriais, técnicas de tratamento e as condutas corporais.

Mas foi certamente a partir da década de 1960, que o corpo, como um lugar para a história, parece dar os seus passos mais largos. Aquela década trouxe consigo os abalos da contracultura, da revolução sexual, da cultura do consumo e da emergente cultura juvenil, além das alterações epistemológicas do feminismo[18] que colocaram o corpo em um novo lugar. Um renovado imaginário sobre ele começa a ser constituído, invade os lares, salta às ruas, passeia pelas universidades e aparece na TV. As implicações das reflexões feministas sobre o patriarcado e o sexismo redimensionaram a produção historiográfica e, de forma mais ampla, a

---

[15]LE BRETON, 2012, p. 7.
[16]ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990a.; ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990b.
[17]ELIAS, 1990a, p. 78.
[18]RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar (org.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

própria *episteme*. O feminismo colocou complexidades conceituais, demoliu velhas hierarquias, subverteu a suspeição sobre o corpo e formatou novos campos científicos abertos a golpes de machadada. O corpo, convidado a se libertar, tornou-se cavalo de batalha contra as muitas formas de autoritarismo, da ciência à casa. O indivíduo, o hedonismo e o prazer foram reivindicados e retirados da zona cinzenta do indizível e do inacessível. O corpo se tornou fator de individualização, lugar subjetivo, fonte de prazer e mecanismo político[19]. Para ele, foram direcionados os holofotes de quem queria usá-lo e de quem queria contê-lo. Ele se torna uma grande força subjetiva e um espaço privilegiado de acontecimento daquela década em diante.

A ciência andou junto, ainda que em uma marcha mais lenta. Vista pelo retrovisor pelas feministas e, posteriormente, pelos ativistas homossexuais e negros, a ciência precisou se reinventar não só para abarcar novos corpos, que alçavam à arena pública, mas principalmente porque passou também a ser produzida por esses novos sujeitos, que se fizeram gradativamente mais presentes nas universidades, no espaço urbano, no mercado de trabalho e na cultura do consumo: "o século XX inventou teoricamente o corpo"[20]. Aqueles contemporâneos captaram as mensagens que o corpo passava: "o pessoal é político" e "nosso corpo nos pertence".

A constituição de uma nova sensibilidade individualista é importante para entender essa emergência do corpo. O homem/a mulher ocidental se descobriu como corpo. Assim, no Ocidente, "o corpo se torna, então, signo do indivíduo"[21]. Grupos constituídos politicamente como minorias de raça, classe e gênero usaram do próprio corpo para se opor às mecânicas do poder. O corpo se torna ali lugar de repressão, de libertação e de revolução.

Na segunda metade do século XX, as lutas políticas e os desejos individuais "colocaram o corpo no coração dos debates culturais, transformaram profundamente sua existência como objeto do pensamento. Ele carrega, desde então, as marcas de gênero, de classe ou de origem, e estas não podem ser mais apagadas"[22]. Há um formigamento de existências corporificadas que prontamente contrariavam os preconceitos de raça e gênero que as queria

---

[19]Sobre o debate acerca do corpo e o feminismo na historiografia brasileira, ver: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIETH, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.; AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas:* desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record, 1997.; COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero.* São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.; JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (org.) *Gênero, corpo e conhecimento.* Rio de Janeiro: Record, 1997.

[20]COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo:* as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3. p. 7.

[21]LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 11.

[22]COURTINE, 2012, p. 9.

como produto determinado do corpo. A emergência do corpo é também umas das contribuições dos movimentos identitários das décadas de 1960 e 1970. Os movimentos negros, por exemplo, passaram a dizer o racismo em ternos corporificados: era direcionado contra a carne preta. As feministas trouxeram o debate sobre o uso do corpo como prática política, depois, foram seguidas pelo movimento homossexual. Era o corpo sendo alçado ao primeiro plano da experiência e da narrativa.

Dessa zona de ruptura, floresceu uma história do corpo, que, ainda que incipiente, procurou dar significação aos processos que, de tão intensos e disruptivos, não podiam ser silenciados. O corpo estava em todo lugar. Ao olhar para ele, os historiadores viram um poliedro de faces infinitas. O corpo, além de carne, é também símbolo, linguagem e invenção. Ele é matéria e pensamento. São muitos corpos, tantos quanto são as questões que podemos colocar para eles: o corpo jovem, o corpo diante da morte, o corpo enfermo, o corpo medicalizado, o corpo da criança, o corpo no esporte, o corpo do operário, o corpo político e, entre tantos outros, aquele que nos interessa mais particularmente neste trabalho: o corpo sexuado.

Em nenhum outro momento, o corpo sexuado havia experimentado uma superexposição tão intensa. O íntimo saiu do quarto e foi para a televisão. As fronteiras entre o público e o privado vieram abaixo. Não sem reações. Tensões entre os desejos do corpo sexuado e normas de controle social se reavivaram. Anne-Marie Sohn, ao refletir sobre o corpo sexuado, explicou que:

> Seu lugar central no último quarto de século tende assim a fazer olvidar a história subterrânea da libertação do desejo em que, pela primeira vez, práticas sexuais e discursos sobre a sexualidade se conjugam publicamente e impõem a irrupção da vida privada nas questões políticas. Foi, no entanto, necessário um longo processo para que o direito ao prazer para todos se impusesse, bem como o seu corolário: a recusa de uma sexualidade sob pressão. Liberdade de um lado e exigência de tendência do outro envolvem agora o dia a dia do corpo sexuado[23].

Os organismos foram penetrados como nunca. As tecnologias médicas ressignificaram seus usos e suas potencialidades, apagaram as marcas do envelhecimento, prologaram a vida sexual, produziram embriões fora do corpo humano e brincaram com as fronteiras entre o inerte e o orgânico. "Jamais o corpo humano conheceu transformações de uma grandeza e de uma

[23]SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo:* as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3 p. 109.

profundidade semelhantes às encontradas no decurso do século que acaba de terminar"[24], avalia Courtine.

O século XX esmaeceu as fronteiras que dividiam o corpo e o espírito e encarou a "vida humana como espiritual e corpórea de ponta a ponta. O final do século XIX, o corpo era um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos. O século XX restaurou e aprofundou a questão da carne"[25]. A partir da segunda metade do século passado, o sexo triunfou e fez do corpo o lugar do prazer. Do mesmo modo que a gestão social do corpo se reinventou, ensejou formas de controle de si, produziu pedagogias, controlou os desejos, vigiou as pulsões. A sexualidade moralizada, psicologizada, contida e vigiada convivia com o seu outro: as sexualidades disparatadas[26].

Em 1974, lançada na França, a coletânea *O fazer da História*, no volume novos objetos, trouxe um capítulo sobre história do corpo escrito por Jacques Revel e Jean-Pierre Peter. Nesse texto, os autores, ao refletir sobre história das doenças e advogar a importância do estudo das corporeidades, fizeram um balanço sobre o estudo do corpo na história, afirmando não se constituir ainda um campo, mas já apontavam para o despertar da ciência histórica para esse tema. Dizem os autores:

> A contagem, nem a restituição dos fatos mórbidos no tempo, não é suficiente para fazer deste [o corpo] um objeto histórico; não fazem dele nem mesmo um simples objeto. Esse procedimento não faz senão redobrar a distância que o silêncio do corpo instaura no coração de toda experiência da doença na cultura ocidental[27].

Foi também ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 que, provavelmente, o maior abalo acerca dos estudos do corpo foi produzido, também em terreno vizinho. Entre essas décadas, Michel Foucault publica *O nascimento da clínica* (1963), *Vigiar e punir* (1975), *Microfísica do poder* (1979) e *A história da sexualidade*, em três volumes: A vontade de saber (1976), O uso dos prazeres (1984), e O cuidado de si (1984). Estava escrevendo *As confissões da carne*[28], quando faleceu, em junho de 1984. Livro esse que só foi publicado em 2017, na

---

[24]COURTINE, 2012, p. 10.
[25]COURTINE, 2012, p. 10.
[26]FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1:* a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
[27]REVEL, Jacques Revel; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). *História:* novos objetos. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1995. p. 142.
[28]FOUCAULT, 1999.; FOCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1985.; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3*: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 4*: as confissões da carne. São Paulo: Paz e Terra, 2020.; FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.;

França, e em 2020, no Brasil. Os estudos do corpo ignoram as fronteiras disciplinares e Foucault é consumido em diferentes áreas que se colocam a analisar o corpo. É parada necessária, quer seja como ponto convergente ou como matéria de dissenso, mas impossível ignorar.

O corpo evocado por ele é concebido como um alvo do poder, um corpo normatizado e laboriosamente produzido por diversas instituições que lançam sobre ele olhares contínuos, panópticos e calculados. Em função disso, uma nova tecnologia política se constitui na modernidade, esquadrinha o corpo e lança sobre ele disciplinas através da escola, da fábrica, da família, da religião, do hospital e do exército. "O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder'"[29].

Além da discussão sobre o poder, outra significativa contribuição de Foucault para os estudos sobre o corpo foi o seu método genealógico. Através dele, Foucault tirou o manto da natureza que envolvia o corpo e foi buscar seus momentos constitutivos. O método genealógico busca "descontinuidades ali onde desenvolvimentos contínuos foram encontrados"[30]. Foucault propôs: "criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos são transformados em sujeito"[31] e mais: "escutar a história em vez de acreditar na metafísica. Atrás das coisas há algo inteiramente diferente: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça"[32].

Assim, lançou luz sobre os perigos do corpo, suas disciplinas, sua constituição em categorias clínicas, os discursos que o atravessam e que criaram uma perspectiva de corpo sexuado contido e controlado. Aspectos do corpo que pareciam evidentes em si mesmos, mostraram-se construídos. Foucault mostrou que o corpo é uma falsa evidência, ele é, além de carne, um constructo, um artefato, uma fabricação e um vir a ser. Esse impacto do método genealógico sobre os estudos do corpo foi apontado por Denize Bernuzi de Sant'Anna quando explicou que estudar o corpo implica trabalhar "segundo uma perspectiva genealógica, voltada

---

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.; FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2021.

[29]FOUCAULT, 2014, p. 135.

[30]DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Fonte Universitária, 1995. p. 118.

[31]FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 52.

[32]FOUCAULT, 1979, p. 18.

à apreensão das condições de possibilidades que fazem emergir, em cada época, as relações e as oposições entre os corpos, suas designações e suas especificidades"[33].

Michel de Certeau também refletiu sobre o corpo na História, ainda que esse não tenha sido seu objeto central de análise. Em 1982, em entrevista realizada por Georges Vigarello, Certeau refletiu sobre necessidade de compreensão da pluralidade dos corpos: "eles não são idênticos, tampouco são estáveis. Cada um deles pode ser definido como um teatro de operações"[34]. E ainda fez um balanço sobre os estudos do corpo até aquele momento:

> Nós procuramos o corpo em todos os lugares e não o encontrávamos em lugar algum A análise revela apenas fragmentos e gestos. Ela reconhece cabeças, braços, pés, etc., que se articulam em maneiras de comer, de saudar ou de se cuidar. São elementos colocados em séries particulares, mas o corpo, jamais o encontramos[35].

O estudo do corpo não pôde prescindir do estudo da sexualidade e do gênero. Assim, logo foi problematizada a própria imanência natural do masculino e do feminino. Se eles possuem diferenças biológicas microscópicas e macroscópicas, provou-se também que são construídos como corpos masculinos e femininos no interior das realidades sociais. Thomas Laqueur, no seu livro *Inventando o sexo:* dos gregos a Freud, analisou como há uma "incoerência fundamental do dimorfismo sexual fixo e estável, de masculino e/ou feminino. Não é uma categoria mediadora entre a diferença biológica fixa de um lado e as relações sociais historicamente contingente de outro"[36]. Mostrou como o sexo foi inventado quando o mundo organizado a partir do isomorfismo transicionou, no século XVIII, para um mundo baseado no dimorfismo, que passou a organizar e regular as relações sociais.

Desde a década de 1980, Judith Butler tem realizado grandes contribuições acerca dos estudos do corpo e suas interfaces com o gênero e a sexualidade. Butler foca parte de suas análises no que chamou de a "implantação do sexo nos corpos"[37] e problematizou ainda mais o debate sobre essencialismo/construtivismo do corpo. Diz a autora que:

> Com certeza, os corpos vivem e morrem, comem e dormem, sentem dor e prazer, suportam doença e violência. Esses 'fatos' não podem ser refutados

---

[33]SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo* (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.13.
[34]CERTEAU, Michel de. Histórias de corpos. *Projeto História,* [S. l.], v. 25, 2012. p. 407.
[35]CERTEAU, 2002, p. 407.
[36]LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2001. p. 23, 33.
[37]BUTLER, Judith. *Corpos que importam:* os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1 Edições, 2020.

> como mera construção. Mas a irrefutabilidade dos fatos de modo algum compromete o que poderia significar afirmá-los por meios discursivos[38].

Assim, Judith Butler explica que esse debate se constituiu em um paradoxo: "nenhuma materialidade está acessível a não ser através do discurso, também o discurso não consegue captar aquela materialidade anterior. Argumentar que o corpo é um referente é evasivo e não equivale a dizer que ele é apenas e sempre construído"[39].

No campo da Antropologia, David Le Breton[40] é uma das principais referências para quem se aventura nesse universo. Nos alerta o autor que "o corpo parece óbvio. Mas, a evidência é frequentemente o mais curto caminho do mistério"[41]. E sugere uma análise sobre o corpo que considere que: "cada sociedade, no interior da sua visão de mundo, delineia um saber singular sobre o corpo: seus elementos constitutivos, suas performances. E lhe confere sentido e valor"[42]. Em 1994, o sociólogo estadunidense Richard Sennet fez um interessante estudo que relacionava o urbano às sensibilidades acerca do corpo[43].

A década de 1970 e, principalmente, a década de 1980 trouxeram consigo novas experiências sociais em relação ao corpo. A grande proliferação de uma cultura de esporte e de malhar o corpo colocou outros pontos de reflexão para os historiadores, assim, amplia-se o *hall* de historiadores que tomam o corpo no esporte como tema de estudo. Na França, por exemplo, Michel Bernard[44] dirigiu uma coletânea voltada para as práticas esportivas[45].

---

[38]BUTLER, 2020, p. 13.
[39]PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 158, 2002.
[40]LE BRETON, David. *Adeus ao corpo:* Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.; LE BRETON, David. *Rosto:* ensaios de antropologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
[41]LE BRETON, 2011, p. 8.
[42]LE BRETON, 2011, p. 8.
[43]SENNETT, Richard. *Carne e pedra*: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
[44]BERNARD, Michel. *Le corps.* Paris: Delarge, 1972.; BERNARD, Michel. *L'expressivité du corps*. Paris: Delarge, 1976.
[45]Outros textos e coletâneas sobre a relação corpo, esporte e história foram lançados nessa mesma época. Sobre o tema, ver: VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturelle du sport.* Techniques d'hier et d'aujourd'hui. Paris: Éditions Robert Laffont, 1988.; VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. (org.). *História do corpo:* as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3. p. 197-254.; VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org). *História do corpo*: da renascença às luzes. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 303-400.; VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo*: da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 393-478.; COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.;

Muitos autores refletiram também sobre os impactos das tecnologias nos corpos. A análise sobre o corpo metamorfoseado com a máquina desencadeou uma série de metáforas que tentavam dar sentido interpretativo aos processos em curso no que dizia respeito ao atravessamento das tecnologias: corpos pós-humanos, pós-orgânicos, ciborgues e trans-humanos. A filósofa Donna Haraway publicou, em 1985, o *Manifesto ciborgue*. Seu trabalho reflete sobre as ambiguidades que marcam a existência corporificada, uma vez que em um "mesmo corpo reúnem-se o mecânico e o orgânico, a cultura e a natureza, o simulacro e o original, a ficção científica e a realidade social"[46]. Ainda nesse campo do debate entre humano e máquina, Paul Preciado[47], no livro *Testo Junkie:* sexo, drogas e biopolítica na era farmacológica*,* analisa os processos Pós-Segunda Guerra que tornaram possível o ingresso no mundo no regime farmacopornográfico, incluindo discussões sobre tecnogênero e tecnossexualidade.

Dessas macrodiscussões teóricas acerca do corpo se constituíram pesquisas aplicadas na historiografia, que olharam para sujeitos específicos, em recortes igualmente especificados. Um conjunto de estudos começaram a ser produzidos no campo da História tomando o corpo como centro da análise. Na França, Jean-Louis Flandrin[48], Jean-Jacques Courtine[49], Georges Vigarello[50] e Alain Corbin[51] estudam variados temas sobre as corporeidades: o corpo sexuado, o corpo na guerra, o corpo ordinário, o corpo treinado, o corpo no esporte, no cinema e nas artes visuais, o corpo enfermo, entre tantos outros. Historiadores especialistas em outras áreas de estudo, começam a voltar seus olhares, ainda que esparsos, ao estudo do corpo. Jacques Le Goff, por exemplo, especialista em estudos sobre a Idade Média, publicou o livro *Uma História do corpo na Idade Média,* em parceria com o jornalista Jacques Truong, em que afirmaram ser

---

[46]HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue*: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

[47]PRECIADO, Paul. *Testo Junkie:* sexo, drogas e biopolítica na era farmacológica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.; PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

[48]FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o Ocidente.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

[49]COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. *História do rosto:* exprimir e calar as emoções. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

[50]VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins fontes, 1996.; VIGARELLO, Georges. *História da beleza*: o corpo e a arte de embelezar da renascença até os nossos dias. São Paulo: Editora Teorema, 2005.; VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo*: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

[51]CORBIN, Alain. *Sabores e odores*: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.; CORBIN, Alain. *História do repouso.* Lisboa: Quetzal Editores, 2023.

"preciso dar corpo à história. E dar uma história ao corpo. A história do corpo na Idade Média é uma parte essencial de sua história global"[52].

Sintoma dessa ampliação dos estudos do corpo nas últimas décadas, ainda que incipiente, é o esforço em construir coletâneas que apresentassem o estado da pesquisa histórica sobre o tema. Em 2005, foi publicada, na França, a coletânea *História do Corpo*, em três volumes: da renascença às luzes; da Revolução à Grande Guerra; e mutações do olhar, o século XX[53]. Traduzida no Brasil em 2012, essa coletânea reuniu diversos historiadores que refletem sobre o corpo a partir de dimensões distintas e ajudou a popularizar esse debate entre os historiadores.

No Brasil, desde final da década de 1990, que o corpo tem figurado entre os objetos de análise dos historiadores. Em 1990, os Anais do Museu Paulista publicaram um dossiê sobre história do corpo[54], sob coordenação de Mary Del Priore. Desde esse período que a historiadora Denize Bernuzzi de Sant'Anna realiza estudos acerca do corpo e faz importantes publicações focando em temas como a beleza, o corpo gordo e as biotecnologias[55]. Em 1995, foi organizada por Denise Bernuzzi de Sant'Anna a coletânea *Políticas dos corpos*[56]. Em 1999, foi publicado o livro *O corpo educado:* pedagogias da sexualidade[57], uma coletânea organizada pela historiadora Guacira Lopes Louro que trazia textos importantes para popularizar o debate sobre as corporeidades no Brasil, entre os autores estavam Judith Butler, Jeffrey Weeks e Bell Hooks. Em 2001, foi organizada a coletânea Corpo e história[58]. Em 2011, Mary Del Priore e Marcia Amarantino organizaram e publicaram a coletânea *História do corpo no Brasil*[59] que trouxe

---

[52]LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 10-11.

[53]CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges. *História do corpo:* da renascença às luzes. Petrópolis: Vozes, 2012.; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). *História do corpo:* da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis: Vozes, 2012.; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo*: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3.

[54]PRIORE, M. L. M. D. Dossiê: a história do corpo. *Anais do Museu Paulista:* História e Cultura Material, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 9-26, 1995.

[55]SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem:* ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.; SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2014.; SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Gordos, magros e obesos:* uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

[56]SANT'ANNA, 1995.

[57]LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

[58]SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e história.* Campinas: Autores associados, 2001.

[59]DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (org.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

abordagem sobre corpo operário, corpo velho, corpo feminino, higiene e higienismo, o corpo da criança, entre tantos outros enfoques.

Essa rápida digressão na constituição do campo de estudo do corpo nos permite ver que o corpo é um presente-ausente na História. Há, pelo menos nas últimas 3 décadas, esforços voltados para a reflexão do corpo entre os historiadores, mas ele ainda está longe de ser um dos objetos canônicos na pesquisa histórica. Há um campo em constituição que demanda novas técnicas de análise e novos métodos de inquirição, além da mobilização de diversas ciências. Isso tudo, porque os historiadores passaram a reconhecer que "o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura. É fundamento de qualquer prática social, mediador privilegiado e pivô da presença humana"[60]. Mas, como bem diagnosticou Courtine, "a história do corpo está apenas começando"[61].

Este trabalho se localiza nesse campo. Nosso tema aqui é o corpo sexuado. Esforçamos-nos ao longo desta pesquisa em mostrar como o corpo sexuado é o centro dos debates culturais e políticos das décadas de 1960 a 1980. Sobre o corpo sexuado, há uma profusão de falas. Para ele, converge uma abundância de práticas. Nossa tese consiste em mostrar como o corpo sexuado, elemento constitutivo das relações de poder, se constituiu como lugar de rupturas em uma ordem sedimentada na longa duração: a família, a virgindade, o pudor. Ele ascendeu como potência política em um contexto marcado pelo avanço do autoritarismo da ditadura civil-militar, e por isso uma intensa política de controle do corpo sexuado vai ser operacionalizada para apagar corpos que rompiam com as balizas do sexo e do gênero. A sua contenção foi, inclusive, ponto de convergência entre setores da sociedade civil e os governos militares, o que, em grande medida, ajuda a explicar a identidade entre setores civis e militares e, por extensão, a entender a própria história do Brasil recente, do recrudescimento do conservadorismo e do apoio a políticos autoritários e antidemocráticos.

Argumentamos ainda que o corpo sexuado, mais do que uma atuação micropolítica[62], se torna uma força capaz impulsionar a invenção de sujeitos que demandaram do Estado uma redefinição na sua própria estrutura, principalmente, quando da transição para a democracia. O corpo sexuado foi uma força em que incidiu a tentativa de controle nos anos correspondentes aos governos militares, mas que vazou por todos os lados até promover a própria redefinição

---

[60]LE BRETON, 2012, p. 31.
[61]COURTINE, 2008, p. 12.
[62]GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica:* cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

do Estado que queria silenciá-lo. Ele é protagonista da história da ditadura, ainda que não tenha sido dado a ele o devido lugar.

O recorte temporal em que se insere este trabalho diz respeito à conjuntura da ditadura civil-militar, mas extrapolamos esses anos de forma a dar sentido à análise que propomos, uma vez que os processos analisados aqui se desenrolam no Brasil, desde fins da década de 1950, período em que a sociedade brasileira passou por transformações intensas, como a circulação de ideias, de objetos e de pessoas que reconfiguraram o contexto espaço-temporal. Um período marcado, internacionalmente, pelas reminiscências do pós-guerra e pelo aprofundamento do capitalismo. O aprofundamento de questões de ordem econômica e política possibilitaram aos militares assumir os rumos do país, a partir de 1964, e radicalizar a proposta de integrar, modernizar e igualar o país aos grandes centros mundiais. As inovações tecnológicas, como a televisão, modificaram as sociabilidades, onde cada vez mais os artefatos se tornavam obsoletos em pouco tempo, inaugurando a era do consumo no Brasil. O país passa a mergulhar nas novas maravilhas tecnológicas. Destacam-se, por exemplo, os avanços na medicina e nos meios de comunicação de massa que promovem alterações nas relações com o tempo e com o espaço, pois os sujeitos estavam imersos em uma aldeia global, como sugeriu Marshall McLuhan[63]. Estendemo-nos até fins da década de 1980 para acompanhar os debates da Assembleia Constituite e da conjuntura da redemocratização, pois eles nos ajudam a pintar o quadro que quisemos mostrar neste trabalho.

Para a construção deste trabalho, utilizamos um arcabouço variado de fontes que incluem jornais de ampla circulação, jornais alternativos, processos administrativos, teses médicas, cartas, pareceres de censura, leis e decretos, revistas, boletins, bulas da Igreja Católica, estudos criminalísticos, livros, fichas de detenção, fotografias, autobiografias, atas de sessão da Assembleia Nacional Constituinte, panfletos e cartazes. Essa variedade de fontes, resultado de um amplo levantamento de pesquisa em diversos acervos, tanto físicos quanto digitais, nos ajudou a construir uma visão ampla sobre a força do corpo sexuado naqueles anos e a enxergá-lo a partir de diferentes prismas, localizados em disputas que tensionaram seus usos. O trabalho com as fontes foi pautado no cuidado com as especificidades do documento, com sua lógica de constituição e com as regras que lhes são próprias, tendo em vista o lugar social[64] e institucional que seus produtores ocupavam. Procedemos à análise dessas fontes de forma a "cotejar

---

[63]MCLUHAN, Marshal; FIORE, Q. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record, 1971.
[64]CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História.* Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982. p. 56-104.

informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências"[65].

Um dos acervos que utilizamos foi o do Arquivo Nacional, através do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), onde se encontram digitalizados vários fundos de documentação referentes à ditadura civil-militar, entre eles, o acervo do Serviço Nacional de Informações (SNI), do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP), da Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Justiça (DSIMJ), do Centro de Informações do Exército (CIE), do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), do Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), da Polícia Federal (PF), do Estado Maior das Forças Armadas, do Ministério das Relações Exteriores, dos Centros de Operação e Defesa Interna (CODI) e dos Destacamentos de Operação Interna (DOI).

Parte da disponibilização dessa documentação precisa ser localizada dentro da discussão sobre a justiça de transição e o direito à memória após a ditadura, já que a abertura política, tutelada pelos militares, não significou o compromisso de que o aparelho repressivo do Estado autoritário seria investigado e seus agentes julgados pelas arbitrariedades contra os direitos humanos. Contraditoriamente, assim como ocorreu na maioria dos países da América Latina, a transição para a democracia foi encaminhada pelos próprios militares, o que assegurou o controle e a gestão da memória e do acesso aos documentos desses regimes. Mesmo após o fim da ditadura, havia muita resistência para o acesso à documentação do regime militar. Significativa parte da disponibilização da documentação que utilizamos neste trabalho e, de forma mais ampla, dos documentos produzidos pelo Estado entre 1964 e 1985 é resultado das atividades da Comissão Nacional da Verdade (CNV) que, a partir de 2012, realizou importantes trabalhos com vistas ao direito à memória e ensejou a produção de arquivos sobre o período autoritário brasileiro, dado que a conservação e a disponibilização dessa documentação é condição fundamental para políticas de reparação com aqueles que foram diretamente atingidos pelo regime e para própria consolidação da democracia brasileira. No SIAN, tivemos acesso aos pareceres de censura, a um conjunto de cartas enviadas ao Estado por setores da sociedade civil, além de processos administrativos movidos contra agentes públicos, ofícios enviados para várias instituições e atos de incineração de produtos culturais que nos permitiram entender o lugar que o corpo sexuado teve nas redes de vigilância do Estado e sua interface com o apoio de setores da sociedade civil.

---

[65]BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 71.

O acervo das 358 cartas analisadas nesta pesquisa, que embasaram a feitura do primeiro capítulo desta tese, localizadas no Fundo da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), na série Correspondência Oficial e na Subsérie Manifestações da Sociedade Civil, nos deu uma dimensão dos apelos e apoios de setores da sociedade civil para com a Ditadura. A análise desse acervo permitiu entender que as aproximações entre setores civis e os governos militares passaram pela compreensão comum acerca do lugar a que o corpo sexuado deveria ser relegado, dado que as cartas constituem um meio privilegiado de acesso a atitudes e representações dos sujeitos. Por terem um sentido também autobiográfico, podem ser interpretadas como "modos de tradução simbólica que constituem sistemas referenciais valorizados"[66]. Elas são matéria de expressão de sentimentos, emoções e experiências em que o indivíduo exprime tanto a sua sensibilidade individual, quanto reflete os códigos dos grupos aos quais pertencem. Nelas:

> Um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conformes regras de apresentação de si, uma imagem pessoal codificada. [...] Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva[67].

A análise das correspondências nos permitiu entender o compartilhamento de ideias entre setores da sociedade civil, as sensibilidades diante de um mundo em mutação, a defesa fervorosa de determinadas visões de mundo no período da ditadura e seu poder de influir nos rumos do regime. Permitiu ainda compreender os engajamentos, as mediações e as disputas em que estavam envolvidos aqueles que se dirigiam à censura para solicitar mais ações do Estado no sentido de apagar determinados discursos e práticas da esfera pública, bem como permitiu acessar como "o repertório de gestos e emoções, ter acesso ao cotidiano singular. Por meio do estudo dessas cartas, alcançar a difusão de códigos domesticadores de afetos, uma civilização de costumes inscrita em redes de sociabilidades a que serve de fios de costura e bordado"[68].

Parte da documentação pesquisada no Arquivo Nacional diz respeito a processos movidos contra agentes públicos e contra indivíduos contrários ao regime militar ou que performavam seu corpo distante da perspectiva conservadora reproduzida pela ditadura. Na

---

[66]MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bessanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 200.
[67]MALATIAN, 2017, p. 197, 200.
[68]MALATIAN, 2017, p. 208.

análise dessa documentação nos guiamos pela ideia de que a leitura da fonte processual não deve ficar restrita ao universo do próprio processo, mas deve permitir iluminar a conjuntura mais ampla onde ele foi elaborado. Mais que isso, é importante proceder à operação de análise de como "os atos se transformam em autos"[69], compreendendo também que se trata de um conjunto de versões sobre o acontecimento alçado à condição de crime ou contravenção. Isso se potencializa quando se trata de um período como a ditadura civil-militar, em que, como veremos a seguir, diversas estratégias foram utilizadas para enquadrar criminalmente corpos divergentes aos interesses do Estado autoritário. Assim, é importante reconhecer que "não existem fatos criminais em si, mas um julgamento que os funda. Um discurso criminal que traduz as obsessões de uma sociedade. A questão é saber como ele funciona e muda, em que medida exprime o real, como se operam diversas mediações"[70]. Como explica Sidney Chalhoub:

> Ler processos criminais não significa partir em busca do que realmente se passou, porque esta seria uma expectativa inocente, da mesma forma como é pura inocência objetivar a utilização de processos criminais porque eles mentem. O importante é estar atento às coisas que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muitas vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência[71].

Outro importante centro de pesquisa de que fizemos uso foi o Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas (UNICAMP). Os fundos desse arquivo que usamos nesta pesquisa não se encontravam digitalizados, em vista disso fizemos o esforço em digitalizar os documentos necessários a este trabalho. Entre os documentos que digitalizamos e usamos estão os fundos: João Antônio Mascarenhas, Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista, Paulo Ottoni, Turma OK, Grupo Gay da Bahia, Triângulo Rosa, Grupo de Ação Lésbico-Feminista e Grupo Somos. Essa documentação inclui correspondências entre os grupos que compunham o movimento homossexual brasileiro, atas de reunião, textos, panfletos, cartazes, livros, recortes de jornais e revistas e boletins informativos dos grupos. Esse acervo nos permitiu entrar em contato com grande volume de documentos ainda pouco explorados na historiografia brasileira e nos ajudou a recompor os debates realizados pelo movimento

---

[69]GRINBERG, Keila. A História nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla Bessanezi. LUCA, Tania Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 128.
[70]PERROT, Michele. *Os excluídos da História:* operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 244-245.
[71]CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 41-42.

homossexual brasileiro nos seus anos de formação. Através deles, acessamos as políticas de identidade desses grupos que passavam pelo corpo sexuado.

Usamos também revistas de grande circulação como as revistas *Veja*, *Manchete* e *Realidade*, além de jornais como *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Parte dessa documentação foi pesquisada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e outra parte foi consultada no próprio acervo dos jornais e revistas, como o caso da revista *Veja* e dos jornais *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*. A imprensa é um tipo de fonte muita rica para a pesquisa histórica, dado que é um testemunho privilegiado da sociedade e possibilita enxergar sensibilidades, debates e conflitos da época em que foram produzidas. É também uma produção discursiva que incide sobre o social, pois, "ao lado de outros veículos como o rádio e o cinema, cumpria a função estratégica na difusão dos valores e modos de vida e, apesar de não ser uma iniciativa oficial, ajustavam-se às demandas do poder"[72]. Como explica Sirinelli, a imprensa "é, antes de tudo, lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade"[73].

Consideramos que a notícia é fruto de um processo de fabricação, movido por interesses e produtora/ propagadora de discursos que intervêm na vida social. A imprensa foi, portanto, naqueles anos, um espaço privilegiado de conflito e de expressão de sensibilidades, pois emergiu no centro de discursos vivos e latentes em um contexto de alternações culturais. Por meio dela, acessamos os debates sobre o corpo sexuado, o avanço da contracultura e as alterações nos comportamentos que as décadas de 1960, 1970, e 1980 registraram. Consideramos também que "as renovações no estudo da história política não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder"[74]. Como afirmou Tânia Regina de Luca, o pesquisador dos jornais e revistas:

> Trabalham com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento. [...] A imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, problematiza

[72]LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 129.
[73]SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 249.
[74]LUCA, 2018, p. 128.

> a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento[75].

Outra face do uso da imprensa como fonte que nos interessou particularmente neste trabalho diz respeito a esta ter se tornado o espaço privilegiado da publicidade, considerando que houve naqueles anos uma segmentação do mercado de revistas e outros produtos culturais e a construção de identidades a partir do consumo. Assim, a imprensa e a publicidade se articularam com as novas realidades e demandas da vida urbana. Ao longo do trabalho, discutimos o intenso consumo de produtos culturais por parte dos jovens urbanos brasileiros e as tensões em relação à censura desses bens simbólicos em um momento de mudanças e desarranjos comportamentais.

Utilizamos também um amplo acervo de jornais alternativos. A imprensa alternativa emergiu no Brasil durante o fim da década de 1960 e início da década de 1970. Em todas as regiões do país, foram registrados jornais e revistas que não seguiam as normas de edição, publicação e distribuição da grande imprensa, tratando-se, portanto, de uma experiência generalizada, ainda que não uniforme. Houve, durante a década de 1970, o que Bernardo Kucinski considera um *"*surto produtivo no Brasil no que diz respeito a jornais de cunho juvenil, antiestético e contracultural"[76]. O jornalismo alternativo redimensiona os padrões dominantes de emissão e de recepção e preocupa-se em destacar sua condição à margem das grandes iniciativas da imprensa aberta. Essa modalidade de imprensa estabelece uma relação de complementaridade entre dois lados de interesse: o produtor e o consumidor, pois o produtor desse tipo de jornal "não contente com a imprensa tradicional, se propõe elaborar seu produto. O consumidor tem opção de uma maior diversidade de conteúdos, fugindo ao monopólio dos grandes grupos que reforçam o *status quo*"[77]. Assim nos interessou enxergar as "ambiguidades e hesitações que marcaram os órgãos da grande imprensa, suas ligações cotidianas com diferentes poderes[78]" bem como as ações táticas empreendidas por vários indivíduos através da agência contradiscursiva da imprensa alternativa.

Entre os jornais alternativos que utilizamos figuram: *Lampião da Esquina*, produzido pelo grupo Somos; o jornal *Chanacomchana*, produzido pelo Grupo de Ação Lésbico-feminista (GALF); *Mulherio*, produzido por mulheres ligadas à Fundação Carlos Chagas; *Boletim do*

---

[75]LUCA, 2018, p. 139-140.
[76]KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários:* nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: EDUSP, 1991. p. 14.
[77]CAMPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1996. p. 45.
[78] LUCA, 2018, p. 130.

Grupo Gay da Bahia, produzido pelo grupo de ativistas homossexuais da Bahia, sob liderança de Luiz Mott; *Boletim do grupo Triângulo Rosa*, grupo homossexual do Rio de Janeiro liderado por João Antônio Mascarenhas; *Boletim da Fração Homossexual da Convergência Socialista*, grupo de ativistas homossexuais ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT); e jornal o *Movimento*, produzido pelo movimento sindical de São Paulo.

No que se refere à estrutura, o trabalho é dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *"'Vivemos uma guerra total, global e permanente':* o desejo de censura", discutimos as relações de aproximação entre setores da sociedade civil e do Estado autoritário com vistas a interditar a expressão do corpo sexuado em diversos produtos culturais como filmes, revistas, novelas, programas de TV, jornais e livros. Esforçamos-nos em mostrar como setores da sociedade civil serviram como sustentáculos para a manutenção da ditadura, principalmente, porque enxergavam naquele governo um semelhante, empenhado em frear o ímpeto juvenil de mudanças que tomavam o corpo como seu espaço de expressão. Através do extenso acervo de cartas enviadas à censura, a que fizemos referência anteriormente, bem como do cruzamento com outras fontes com as hemerográficas e os pareceres e normativas dos serviços de censura, buscamos apresentar as sensibilidades da geração de pais e mães de família que viam, naquelas décadas, as bases sobre as quais haviam constituído seus corpos e suas sensibilidades virem abaixo. "As gerações mais antigas se assustaram com a revolução corporal em curso. Os corpos de seus filhos haviam conquistado uma descontração antes proibida, uma desenvoltura desafiadora de antigos padrões culturais"[79]. Portanto, em um exercício de alteridade, empenhamo-nos em compreender como essas gerações estavam imersas em experiências de desenraizamento diante das novas formas de experimentar o corpo divulgadas pelos produtos culturais para setores da juventude que, cada vez mais, ocupavam o espaço urbano.

No segundo capítulo, intitulado *"'A hora do homem biônico':* a medicina e o corpo sexuado", apresentamos como a medicina se colocou como espaço de discussão sobre o corpo sexuado motivada, em grande medida, pelas mudanças comportamentais daqueles anos. A medicina elaborou pedagogias e normativas que convergiram como desejo de censura, principalmente, em relação àqueles corpos que rompiam o imperativo heterossexual. Um volume muito considerável de estudos foi realizado para compreender, disciplinar e tratar corpos homossexuais e transexuais que se tornavam cada vez mais presentes no espaço público

[79]SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, p. 235-249, 2015. p. 238.

e que rompiam com a naturalizada coerência sexo-gênero. Por outro turno, a medicina foi também produtora de biotecnologias que permitiram dessencializar os corpos sexuados, multiplicar suas forças e torná-los mais potentes, como os implantes, silicones, pílulas anticoncepcionais, intervenções plásticas, cirurgias de redesignação sexual, hormonioterapias e inseminação artificial. Esse paradoxal lugar em que a medicina colocou o corpo sexuado ajuda a entender a força disruptiva que ele representava naqueles anos, inclusive, entre médicos e cientistas que se esforçavam em compreendê-lo.

No terceiro capítulo, que intitulamos *"'No combate à subversão e às ideologias contrárias ao nosso povo':* ditadura heterossexual e o controle do corpo sexuado", analisamos como as forças repressivas do Estado agiram para afastar corpos homossexuais e transsexuais dos quadros do Estado e do espaço público das grandes cidades do período, além de produzir conhecimentos criminalísticos sobre a questão. Mostramos que muitos esforços foram realizados através das redes de vigilância do Estado para afastar homossexuais da administração pública, na medida em que a ditadura vinculava o Estado a uma identidade masculina e heterossexual, portanto, deveria ser dirigido por homens e esses deveriam ser heterossexuais.

No último capítulo – *"'Eu quero garantir direitos que ampliem todos os horizontes da cidadania. O espaço de cidadania seria o corpo':* políticas de identidade e corpo sexuado" discutimos como nos anos finais da ditadura as políticas de identidade direcionadas pelos movimentos sociais, como o de mulheres e homossexuais, demandaram uma redefinição do Estado no sentido de abarcar esses corpos como sujeitos de direitos. O Estado foi sendo redefinido, entre outros aspectos, pelas políticas de identidade que tomavam o corpo sexuado como lugar de inscrição identitária. Ainda que a passos lentos, esses corpos se institucionalizam em partidos políticos e grupos organizados e, a partir de uma política macro, passam a demandar do Estado sua reconhecibilidade[80]. Esse processo se configurou por meio de uma tensa conjuntura que se expressa em diversas camadas que analisamos ao longo desse capítulo.

Em conjunto, os capítulos analisam as tensões em torno do corpo sexuado a partir de diferentes prismas – demandas da sociedade civil, medicina, redes de repressão e movimentos sociais - e montam o que chamamos aqui de política do corpo sexuado nos anos que corresponderam à ditadura, o que permite perceber a materialidade e a centralidade do corpo na história do período articulando macropolíticas e micropolíticas.

---

[80]BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e políticas das ruas*: notas para uma teoria performativa em assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.; BUTLER, 2020.